

Governo de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura e SP Leituras apresentam

segundas intenções



LIDIA ARATANGY
>LIBERDADES E LIMITES<

segundas intenções

Governo de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura e SP Leituras apresentam

segundas intenções

LIDIA ARATANGY
>LIBERDADES E LIMITES<

SP Leituras
Organização Social de Cultura


GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria de Cultura

SP Leituras
Organização Social de Cultura

APRESENTAÇÃO

Às segundas-feiras, quando a biblioteca permanece fechada ao público, nós estaremos trabalhando informação, planejamento e avaliação das nossas atividades. O primeiro passo, a pré-estreia das nossas segundas-feiras, vai ser esta palestra da Lidia Rosenberg Aratangy.

Hoje, aqui, nós estamos com muitas figuras ilustres, por isso mesmo eu não vou nomear para não correr o risco de deixar de indicar alguém. Queria só destacar a parceria com a Etec, não é novidade, mas está, vamos dizer, com um novo ar. Estamos renovando e fortalecendo essa parceria. Vamos ter mais do que o quintal em comum: a Etec de Artes, que fica logo aqui em frente, é também uma proposta bastante inovadora, arrojada para esta localização e com os objetivos a que se propõe.

Antes de passar para a Lidia, devo fazer uma apresentação dela, o que pode ser muito fácil ou muito difícil, porque eu a conheço desde que nasci – disseram até que eu fui um presente de aniversário para ela. Ela é minha irmã desde sempre, acompanho a carreira dela

PUBLICADO POR:

SP Leituras - Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura

Rua da Consolação, 1.681, cj. 93/94

São Paulo - SP

2011

EDIÇÃO:

Leonel Prata

PROJETO GRÁFICO E CAPA:

Rudi Bohm

DIAGRAMAÇÃO:

Beatriz Cerqueira

com muita admiração, desde os tempos em que ela fazia a Narizinho no Sítio do Pica-pau Amarelo, na PRF-3, TV Tupi, com o Júlio Gouveia – e todas as evoluções de lá para cá. Acho que ela tem muito para colaborar conosco.

Espero que vocês sejam bastante sedutores para que a Lidia volte aqui, conhecendo cada vez melhor os nossos temas, os nossos problemas, para poder, mais do que fazer uma palestra, sentar em roda conosco, discutir e encontrar soluções novas para os problemas que nós encontramos no dia a dia. Com a palavra, a Lidia.

[Lia Rosenberg – Diretora da SP Leituras]

[Lidia Aratangy – Psicóloga]

Minha fala foi mapeada pelas questões que o pessoal da casa me mandou. Agrupei as questões nos seguintes temas: Liberdade e limites; Do outro lado do balcão; A escola, a família e a comunidade: a quem cabe educar?; Pra que servem as leituras?; A Biblioteca de São Paulo.

Liberdade e limite são incompatíveis?

Têm de andar juntos. Quando se fala de liberdade evidentemente estamos falando de um atributo que é limitado. Um comercial de cigarro dizia “de manhã, você acorda, de noite, vai dormir – e entre uma coisa e outra só faz o que quer, então você é livre!” Quem vivesse assim estaria mais perto da loucura do que da liberdade. Porque o querer é ilimitado, o desejo não tem limites, e a realidade, sim. Liberdade significa fazer escolhas. E fazer escolhas significa fazer renúncias. A cada coisa que você escolhe fazer, você está deixando de fazer todas as outras. E é rigorosamente impossível saber se você fez a melhor escolha. Porque aquela única escolha que você fez está calcada na realidade, sofrendo

todos os embates que a realidade impõe; e aquela que você não fez, que mora na fantasia, permanece intocada. Aquele namorado da adolescência com quem você não casou não fica ranzinza, não cria caso, aquele só tem qualidades e fica daquele jeito para sempre.

Estar aqui, agora, é para cada um de nós certamente uma escolha. Para alguns, talvez, um pouco menos livre do que para outros. Eu não sei como a Diretora terá colocado a presença do pessoal aqui, se vocês foram obrigados a vir, ou puderam escolher... Mas ainda assim, mesmo quando a gente tem uma imposição, é, sim, possível transgredir. Há um preço pela transgressão, mas ainda há uma escolha. Às vezes é melhor cometer a falta sabendo do risco que corre, do que deixar o atacante passar e fazer gol.

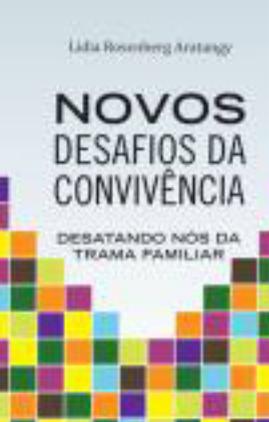
Então, vamos deixar claro: essa ideia de fazer o que quer, essa de não impor regras, de não colocar restrições, é demagogia mentirosa. Isso não existe para nós, reles mortais. Sinto até certo ranço nas perguntas que recebi. Há alguns anos eu sentia isso, com muito mais intensidade, principalmente com pais e professores. Eram claramente ranços de uma época de ditadura, em que a autoridade era

uma autoridade arbitrária, em que o poder era um poder despótico... Então, pais e educadores, não querendo se confundir com esse tipo de autoridade, foram abrindo mão da sua legítima autoridade, estada não na força, mas na experiência, na sabedoria, principalmente na responsabilidade. Esse ranço, me parece, foi evaporando ou pelo menos se dissipando. Nas questões daqui eu senti de volta uma preocupação em respeitar a liberdade sem saber muito bem o que isso quer dizer. Acho que isso tem a ver com a história deste lugar. Vamos voltar mais tarde à história deste lugar.

De qualquer maneira, esta biblioteca, como qualquer escola, como qualquer casa de família, como qualquer praça pública, está inserida numa realidade. Portanto, só pode funcionar com regras – que necessariamente vão provocar desgosto e frustração em alguns. Faz parte da vida.

Como impor limites a pessoas cuja educação impede a compreensão de regras básicas de convivência?

Não acredito que exista alguma pessoa cuja educação impeça a compreensão do que quer que seja. Acredito



A autora discute as preocupações recorrentes de pais e professores, mostra que é possível fazer com que as relações entre jovens, adultos, família e escola sejam proveitosas para todos.

que algumas pessoas não tiveram educação, não puderam aprender regras básicas de convivência, que talvez tivessem pouca experiência de convivência democrática, consciente, partilhada. Sempre que a gente puder ajudar pessoas assim a compreender regras, estamos fazendo um serviço para essa pessoa e para a nossa comunidade.

De qualquer maneira, algumas regras devem ser seguidas, ainda que nem sempre sejam compreendidas. Numa escola, é proibido ter regras que não sejam compreendidas. Cada norma que a escola tem, cada regra que a escola impõe, tem de ser conhecida, defendida, o aluno tem de saber por que a regra está lá. Escola não pode responder “porque sim” a nenhuma pergunta: pode entrar de boné, não pode entrar de boné, pode namorar, não pode namorar, a escola tem de saber por que diz sim, tem que saber por que diz não.



Assuntos como a fisiologia do ato sexual, as angústias do adolescente, a masturbação, a contracepção são tratados com clareza e sem subterfúgios.

Nas famílias, venho reivindicando para os pais o direito a um “porque sim” e dois “porque não” por semana. Mas acho que em lugares públicos a gente tem de saber por que pode isso e por que não pode aquilo. E aí, sim, é provável que neste lugar especificamente, vocês se deparem com alguns “podes” ou “não pode” que vêm do ranço de outro momento. E aí vai ser formidável poder reabrir a questão e rever vários deles.

Quando meus filhos eram pequenos, havia uma palavra mágica que às vezes transformava o não em sim. Era: “por que não?”. E às vezes na base do “por que não?”, na discussão do “por que não?”, eu até podia me iluminar e dizer: “Poxa, é mesmo, por que não?”. Porque liberdade não é uma questão de ideologia. Liberdade não é uma questão de boa vontade. Não é uma questão de a gente ser bonzinho. Liberdade é uma questão de competência:

competência para fazer escolhas, competência para arcar com as consequências da escolha feita.

Então, quem plantar um fuzuê dentro desta biblioteca dificilmente tem condições de arcar com as consequências do fuzuê. Você até pode transgredir uma norma, desde que você saiba direitinho quais são as consequências da transgressão – e seja capaz de arcar com elas. Uma criança que resolve, com nove anos, que vai pintar o topete de verde, talvez esteja sujeita a caçoadas dos colegas ou coisas assim, mas é ela que vai andar por aí com aquele cabelo ridículo, não você. No máximo, numa casa de corintianos, você pode dizer: “Aqui dentro, de topete verde, não! Para entrar aqui, você põe o boné”. Mais do que isso não dá para exigir. Agora, se um moleque de onze anos diz que nas próximas férias de verão ele vai de mochileiro para Canoa Quebrada... A única resposta que você pode dar é “Hã hã”, e encerrar o assunto, porque daqui até as férias de verão muita coisa pode acontecer. E problemas posteriores serão resolvidos posteriormente. Não dá pra saber de que férias estamos falando, pode ser que daqui até as férias de verão ele até

adquirir competência para fazer essa viagem. O problema dessa definição de liberdade, é que ela implica acompanhar o desenvolvimento dos filhos, porque a competência tende a aumentar e algumas regras têm que ser revistas.

Neste espaço as regras têm de ser conhecidas, algumas delas discutidas; é até possível que algumas sejam revogadas ou substituídas.

Qual o limite aceitável da liberdade para o público que frequenta esta biblioteca?

O mesmo de qualquer lugar público. Se você estiver no cinema e ouvir um papo atrás de você, você vai tranquilamente virar para trás e pedir para calar a boca: com muita delicadeza, é claro. Você pode até tolerar o barulhinho da bala sendo aberta no cinema; mas, se você estiver num concerto de um quarteto de cordas e alguém atrás de você desembrulhar uma bala, o ruído fica intolerável. A adequação depende do espaço.

Uma biblioteca exige, para poder funcionar, algumas condições que têm de ser colocadas com clareza. Para que a gente possa de fato exigir o cumprimento das

regras, elas têm de ser claras e conhecidas. Cada um que está nessa biblioteca trabalhando – desde o moço que vai abrir o portão até a Diretora da casa, passando por todos os funcionários – tem de saber por que aquela regra existe e qual é a importância dela.

Como lidar com os nossos preconceitos, quando nos vemos entre o direito ao uso do espaço público e o vandalismo, a ignorância, a grosseria, as ameaças e até o mau cheiro de alguns usuários?

Pode ser complicado, mas, por favor, é preciso discriminar entre o que é preconceito e o que não é preconceito. Que medo que a gente tem de parecer preconceituoso! É evidente que mau cheiro é ruim. Talvez o moço não tenha onde tomar banho. Mas não consigo imaginar que exista preconceito contra mau cheiro. É possível ter um desconforto contra o mau cheiro. E então, vamos tentar isolar o malcheiroso. Não é por estar com mau cheiro, que ele está proibido de ler, mas o mau cheiro incomoda quem está perto; então, é preciso tentar isolá-lo, mudá-lo para uma mesa vazia.

Mas o que mais me chama a atenção nessa pergunta é o medo do preconceito. “Espaço público” é uma expressão perigosa, como “dinheiro público”. A tradução que se faz, no piloto automático, é que essas coisas são de ninguém: o dinheiro público não tem dono; o espaço público é uma terra de ninguém. Mentira! O dinheiro público é meu, é seu, não é de *ninguém*. Nós somos donos daquele dinheiro, dito público. Nós somos donos do espaço público. E por isso nós temos que cuidar dele e zelar por ele.

Quem está bêbado e está fazendo grosseria ou vandalismo, esse não pode ser admitido no espaço público, e ninguém precisa ter pudor disso. Não dá para agradar todo mundo o tempo todo; nem com os filhos é possível conseguir fazer isso! Até as crianças aprendem a se comportar de um jeito diferente, conforme o ambiente em que estão. Criança pequena sabe muito bem que na casa dos pais há regras, que são diferentes na casa dos avós. Desde pequena ela aprende que a maneira de se comportar adequadamente na escola é diferente da maneira de se comportar em casa; numa igreja você



Uma reflexão sobre o casamento e sobre os seus protagonistas. A obra reflete o olhar, os sentimentos e pensamentos de uma mulher casada há quase 50 anos.

não se comporta do mesmo jeito que no supermercado. Numa biblioteca também não.

Um presidente nosso falava da liturgia do cargo e dizia que havia certa importância em preservar a liturgia do cargo. Acho que, se existe um espaço cuja liturgia deva ser respeitada, é a biblioteca. É em nome desta liturgia, do respeito a este espaço, que a gente não pode permitir vandalismo, grosserias, ameaças. Mau cheiro e ignorância fazem parte de outra vertente. E a gente tem de aprender a lidar com isto.

A liberdade de escolha garante a igualdade de oportunidades?

Não. A liberdade de escolha garante que você vai fazer um uso melhor da igualdade de oportunidades. Liberdade de escolha implica você conhecer sua necessidade,



A autora desfaz a teia emaranhada que se forma entre a sociedade e os adolescentes, utilizando uma arma de calibre bastante requintado: a informação.

saber quais são os caminhos para atendê-la e assumir as consequências do caminho que escolhido. Não podemos falar em transgressão, por exemplo, quando existe a obrigação de estar num lugar e você sabe que naquele momento a sua presença é mais importante em outro lugar. Neste sentido de liberdade, quem tem um repertório mais amplo, quem tem consciência das próprias necessidades e das possibilidades de atendê-las, tira melhor partido da igualdade de oportunidades.

Agora, passamos ao outro lado do balcão... Até agora estamos examinando a questão do lugar da autoridade que deve fazer cumprir as regras. Vamos ver a pergunta seguinte:

Lidar com o público num espaço cultural exige o respeito às regras da instituição e há resposta à

pressão dos que querem se apropriar dela, sem dúvida. Como calibrar os figurinos do pequeno ditador de normas, do funcionário indiferente ou de intimidade, entre outros?

Essa é uma pergunta danadinha de complicada. Estamos falando dessas pequenas autoridades... Existe uma distorção nessas pequenas autoridades: elas detêm um poder absolutamente isento de responsabilidade. Ora, poder e responsabilidade têm de andar juntos, senão dá besteira! Quem tem em cima dos ombros uma responsabilidade maior do que o poder que tem nas mãos para fazer cumprir essa responsabilidade (como acontece muitas vezes com os educadores, por exemplo), vai acabar com neurose ou, no mínimo, com dor nas costas. Uma responsabilidade maior do que o poder não presta. O poder sem responsabilidade tende a ser cruel. O poder sem responsabilidade cria o déspota, o tirano. Os pequenos tiranos, que têm uma farda que parece de almirante (e parece que eles acreditam nesse almirantado), têm de ser tratados com o máximo de distância possível, se vocês me entendem. Uma instituição, cujas normas são

discutidas e conhecidas por todos, tem menos chance de abrigar um pequeno tirano desse tipo.

Como educar para a liberdade?

Na semana passada, fui fazer um trabalho em Paulínia, na Secretaria da Criança e do Adolescente. A questão que eles me colocaram era: “Como educar para a paz num mundo violento?”. Se a gente não conseguir educar para a paz no mundo em que nós estamos, aí, o mundo estará perdido mesmo. Nós não temos outro mundo para educar. Este é o que nós temos. Se nós vamos educar para a violência, porque o mundo é violento, estamos fazendo, de fato, um belo serviço para depois poder dizer que o mundo está perdido.

Então, como educar para a liberdade? Com respeito. Com respeito mútuo. Com respeito por aquela criança que você está educando, sem a menor dúvida, mas também fazendo-se respeitar pela criança. Fazendo-se respeitar não pela força, porque isso não presta. Não é que não preste dar palmada por uma questão de princípio. Primeiro, porque palmada ensina, é verdade

que palmada ensina. Mas não ensina aquilo que a gente está querendo ensinar. Quando você dá umas palmadas numa criança, a primeira coisa que você está ensinando é que a diferença de força física é um argumento válido para resolver uma pendência. É isto que a palmada ensina: só pode bater em quem é menor.

Mas o principal obstáculo ao sucesso desse método pedagógico é que ele depende de um diferencial de força física. E sabe o que acontece? Os pais já cresceram tudo o que tinham para crescer – e os filhos estão crescendo todo dia. De tal maneira que, para manter o mesmo diferencial de força física, a mão já não é suficiente. Aí, o pai recorre ao chinelo. Depois, ao tamanco, ao cabo de vassoura... Não é frequente chegar à arma de fogo, mas se levamos essa equação ao limite, é onde necessariamente teria de chegar. Ou o pai vai levar uma surra desse camarada, porque ele ficou maior e aprendeu que a diferença de força física é um argumento válido para resolver uma pendenga.

Voltando: para educar para a liberdade é preciso respeitar inclusive a capacidade intelectual da criança

de entender o “por que não?”. E se ela não entendeu desse jeito, você explica de outro.

Se existisse o monopólio escolar, ele conduziria a um monopólio de pensamento?

Não, não chegaria jamais a uma uniformidade de pensamento. O pensamento é rebelde. O pensamento é transgressor. Para você chegar realmente a uma tentativa de uniformizar pensamento não basta o monopólio escolar, você precisa asfixiar o pensamento. Realmente pensamento e uniformidade não combinam. Se pensou, pensou criticamente.

Não por acaso, o primeiro gesto de diferenciação entre um bebê e a sua mãe, sabe qual é? (*aceno negativo com a cabeça*) É esse que vocês estão fazendo: este gesto que acompanha a palavra não, vocês sabem de onde vem? Vem do bebê se afastando do bico do seio da mãe ou da mamadeira, dizendo: “Chega! Chega! Chega! Eu estou satisfeito”. Chega! Chega! Chega! O ‘não’ é definidor da identidade. É por isso que o adolescente diz tanto não. Há uma fase do não ainda antes da adolescência,

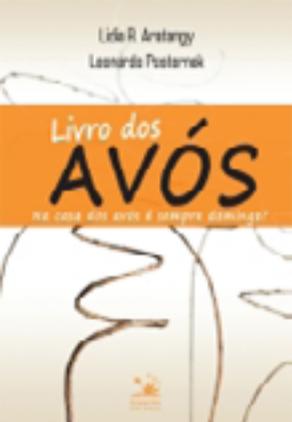
por volta dos 3 anos de idade. E ela diz: “Não!”. E ela diz: “Não!” E ela diz “Não!”. E ela está fazendo com isso talvez o teste mais importante para nós, os humanos. Quando, por exemplo, você diz: “Está na hora de tomar banho”. Ela responde: “Não quero tomar banho!”. Talvez nesse dia você esteja com um pouco mais tolerante e concorda: “Está bom, então pode brincar mais um pouco”. Dali um pouco: “Agora está na hora do banho!”. Até chegar uma hora em que você vai pegar a criança à força e dar o banho. Então, ela não vai querer sair do banho, evidentemente. E se você conseguir arrancar ela do banho, ela não vai querer vestir aquela roupa, evidentemente. Aí você topa a briga e põe a roupa e dali um pouco ela vem chegando perto de você, assim... O que ela quer? Ela quer ter certeza de que é amada mesmo na discordância. Esse é o grande teste da vida amorosa, que nós temos que fazer.

Outro dia, eu estava com meus dois netos gêmeos, brincando num domingo de manhã. Na hora de sair para almoçar, eu disse: “Agora vamos arrumar tudo isso e vamos almoçar”. Então um deles me olha bem nos

olhos e diz: “Eu não quero arrumar nada”. Respondo: “Eu também não quero, mas nós todos aqui vamos arrumar o que nós desarrumamos”. Enquanto isso, o irmão já está arrumando os brinquedos. O rebelde me diz: “Eu não consigo”, e pega um carrinho com a mão mole, e o carrinho cai... Aí, eu olho bem nos olhos dele e digo: “Seu irmão já arrumou tudo. Eu não gostei nada, nada, disso que você fez”. Ele olha bem nos meus olhos e pergunta: “Mas de mim você gosta tudo, tudo, vovó?”.

Então: diga o não, mantenha o não, mas deixe claro que você gosta tudo, tudo dela. Para que ela possa, um dia, fazer um vínculo amoroso sabendo que pode discordar, que pode divergir, que pode gostar de coisas diferentes, ter interesses diferentes, que isto não significa desamor. Parece tão óbvio, mas quantas vezes você dá um presente que não agrada e a sua sensação é de que você é que não está agradando?

Enfim, tudo isso para mostrar que não tem jeito de chegar à uniformidade do pensamento. Lá dentro tem o *não* sendo dito com força. Nas ditaduras, pode-se até atingir uma uniformidade de conduta. De pensamento,



O nascimento de um neto oferece a oportunidade de inaugurar um novo tipo de relacionamento, mas traz também uma responsabilidade especial. Não é fácil apoiar e ajudar os filhos sem oprimi-los.

não. Por isso é tão importante alimentar o repertório de pensamento das nossas crianças, para que elas tenham mais elementos para discordar.

Como por em prática uma educação para a cidadania?

Só tem um jeito: pondo em prática. Nós não temos a menor discordância, tenho certeza, quanto aos valores que achamos importante transmitir e preservar. Pode levantar a mão quem discordar que os valores são: dignidade, respeito pelo próximo, honestidade, lealdade... Nós acreditamos nisso – e acreditamos mesmo – mas acreditamos no abstrato, nas grandes palavras. A transmissão desses valores se faz nas miudezas do cotidiano, e aí a coisa se complica, porque embora a lealdade seja um valor que a gente transmite para os filhos,



Educar pode ser considerado um grande desafio, ainda maior no caso dos adolescentes, que estão construindo sua individualidade e buscam a liberdade, muitas vezes por meio da rebeldia.

a gente é perfeitamente capaz de dizer: “Atende o telefone, meu filho, e se for a tia Maria diz que eu não cheguei ainda”. A gente é perfeitamente capaz de passar pelo acostamento, se a estrada estiver congestionada, porque “todo mundo tá indo”... Todo mundo faz, argumento que vai se voltar contra você já, já, quando você quiser que o filho volte à meia-noite da balada e ele vai dizer: “Mas meia-noite? Não é hora nem de começar a balada! Todo mundo sai de casa depois da meia-noite!”. A gente compra fita pirata porque é mais baratinho, faz gambiarras, a gente, a gente, a gente... E com certeza a gente não está educando para a cidadania quando faz essas coisas.

Não estou absolutamente dizendo para vocês que a gente tem de ser perfeito para educar, a perfeição não é para os humanos. Mas a hipocrisia deseduca um bocado.

Para que serve a leitura? Existem livros bons e livros ruins?

Adorei essa pergunta, que me deu um trabalho danado! Não adiantava chamar os universitários e consultar os alfarrábios, não adiantava nada disso: tive que olhar para dentro. Então, me deixem contar como começou minha relação com os livros.

Eu tinha seis para sete anos, tinha terminado a cartilha e minha mãe me levou para eu escolher um livro: se eu tinha terminado a cartilha, eu merecia ganhar o livro que quisesse. Então, ela me levou – havia talvez três livrarias em São Paulo, naquele tempo – e ela me levou na Livraria Brasiliense, que ficava na Barão de Itapetininga. E me soltou dentro da livraria para eu escolher o livro que quisesse. E eu pegava um, olhava um pouco, pegava outro...

Estava eu lá, no meio daquele harém de livros, meio fascinada, e percebi um homem me olhando – um homem sobranceiro assim. Ele estava me olhava e olhava e olhava... Num dado momento, ele se aproximou e perguntou o que é que aquelas duas estavam fazendo ali. Minha mãe, toda orgulhosa, contou: a filha tinha

acabado a cartilha e tinha ido escolher um livro. O moço pegou um livro da prateleira e me perguntou: “Você já leu este livro?”. Achei aquele moço meio bobinho, afinal de contas, tinha acabado a cartilha, estava indo comprar meu primeiro livro, como é que ele pergunta se eu já li um livro gordo daqueles? “Não, eu não li nenhum livro ainda, só a cartilha”, eu disse. “Ah, que pena, porque esse livro tem a ver com você”, disse ele. Bom, ficou lá o livro. Digo: “Não, quero procurar mais”. Procurei, procurei. Depois eu resolvi: “Sabe o quê, mãe, eu quero o livro do moço. Porque é grande, tem umas figuras bonitas e vai demorar para acabar”. Pegamos aquele livro e levamos para o caixa. O caixa disse: “Ah! É esse que vocês vão levar? Esse já está aqui, embrulhado para presente para a menina”. Quando a gente abriu o livro, tinha uma dedicatória: “À minha Narizinho de tranças – eu não sabia que você usava tranças – com muito amor. Monteiro Lobato”.

O que eu queria contar é que esse costume de ir à livraria e comprar os livros que eu quisesse se manteve até o fim da minha faculdade de Psicologia: eu escolhia o livro que queria, mandava para o consultório do pai que

ficava ali perto, e ele pagava a conta. Mais tarde, o trato se inverteu: era eu que comprava livros para eles...

Segundo ato daquela historinha é um jantar na casa dos meus pais. Está lá um casal de convidados, muito amigos, e estão conversando sobre o projeto que eles tinham de levar as histórias do Monteiro Lobato para a televisão. Estava complicado porque a família do Lobato detinha todos os direitos e estava dando todos os palpites que podia sobre quem ia fazer o quê. E saem com esta: a irmã do Lobato não aceitava ninguém para fazer a Narizinho, porque o Lobato tinha cismado com uma menina que ele tinha encontrado uma vez na livraria comprando livro e que era o espírito da Narizinho e ela queria que o casal encontrasse aquela menina! Aí eu trouxe o livro com a dedicatória. E foi assim eu fui ser a Narizinho na primeira fase do Sítio do Pica-pau Amarelo, escolhida pelo próprio Monteiro Lobato.

E os livros ruins?

Na minha casa – na casa dos meus pais – não tinha essa conversa de livro proibido: ficavam todos nas estantes,

pegava quem queria. Eu me lembro do meu espanto quando algum colega comentava: “Nossa! Esse livro está aí?” E pegava, por exemplo, *Capitães de Areia*, e me mostrava *aqueles* pedaços. Pois eu tinha lido aquele livro, tinha passado por aqueles pedaços e nunca me pareceu que aqueles pedaços estivessem escritos em negrito ou em letra vermelha ou qualquer coisa assim.

Eu me atreveria a dizer que sim, existem livros mais adequados, no sentido de que talvez haja momentos em que você possa desfrutar mais de um livro. Mas qualquer livro que chama a atenção, que prende, que dá vontade de continuar lendo, é um bom livro. Pode ser inadequado e daí cabe a um adulto por perto conversar e explicar o porquê daquela inadequação. O desenvolvimento da nossa vida mental passa por etapas. A última delas é a conquista do pensamento abstrato, que permite se desligar da concretude do imediato e pensar o outro, por exemplo. A função mais importante do pensamento abstrato não é estudar matemática. A função mais importante do pensamento abstrato é o desenvolvimento, por exemplo, da solidariedade.

Pensar o outro, o outro que você nem conhece. Você não precisa ter um amigo japonês para se comover com o tsunami; você não precisa ser carioca para saber que o que aconteceu nos morros no Rio de Janeiro no ano passado e querer ajudar. Para isso, você tem de ter desenvolvido o pensamento abstrato, para não ficar na concretude do que você vê e toca e cheira e ouve. Sem o pensamento abstrato é impossível formar um código de ética. É possível ter um código de conduta, que você obedece por causa das regras, ou porque você tem medo da punição, ou da multa. Mas um código de conduta introjetado, só com o desenvolvimento do pensamento abstrato: antes disso, não dá.

O que eu estou dizendo é que o universo da sexualidade – que é basicamente o universo da ética, porque implica o contato com o outro, é o universo do respeito pelo outro, do respeito por si mesmo – exige o desenvolvimento do pensamento abstrato. Entrar nesse universo antes de ter um código de ética, vai dar bobagem. Mais grave, menos grave? Depende de quem estiver perto, ajudando a criança a navegar por esses caminhos que podem ser perigosos.

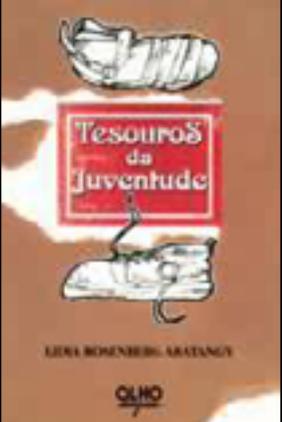
Depois de juntar uma bagagem de livros lidos, você vai definir o que é um livro bom para você, sem se prender a uma definição universal do que seja um bom livro.

Para mim, um livro bom é poroso, é aquele livro que deixa espaço para eu ser coautora, eu posso ajudar a montar o personagem. Para isso, ele tem de ter personagens razoavelmente estruturados, com alguma coerência interna: pode ser um mágico, pode ser uma fada, pode ser um duende, mas ele tem que ter uma coerência interna. Enfim, eu acho que até existem livros que eu consideraria ruins, mas pior do que um livro ruim é a censura!

Então... a idade certa para ler Bruna Surfistinha seria...

Vou acabar tendo que ler esse livro... Porque tem tanta gente me perguntando sobre ele, que eu vou acabar lendo! Pelo que eu imagino do *Bruna Surfistinha*, tem a ver com o que acabamos de comentar: é um convite para entrar no universo do sexo. Melhor ter o pensamento abstrato bem desenvolvido...

O que observamos é que a meninada lê obras muito próximas de contos de fada; nada contra o Harry Potter



Romance jovem sobre a descoberta do amor e da sexualidade; gravidez indesejada, aborto e seus dramas.

que, aliás, é bem escrito, é divertido... Mas está muito perto de contos de fada. Os “*Crepúsculos*” e coisas assim, também são gostosos de ler, mas todos tratam de um mundo de fantasia. Os vínculos amorosos que aparecem nessas histórias não são como os dos humanos, estão carregados de magia, carregados dos tabus. Então, os jovens leem esses livros, leem histórias em quadrinhos, algumas até boas, e acessam, com uma enorme frequência, os sites pornô na internet. Fazem um voo sem escala: do universo das fadas para o site pornô, sem passar por algum repertório de romance entre personagens mais humanos, que ajudassem a diluir aquilo que eles veem na internet. Então, acreditam que sexo é aquilo que está lá – e aí pensam que têm que ter um membro desse tamanho, têm que fazer acrobacias no lustre e tem que... Tem quê.



Respostas sensatas a cartas sobre dificuldades de pais e mestres diante da sexualidade de crianças e jovens.

E ficam morrendo de medo de começar a sua vida sexual com a namoradinha, com a amiga do grupo. Porque acha que vai falhar, que não vai conseguir fazer aquilo tudo. E todo mundo vai ficar sabendo – porque esse é um dos efeitos da internet: a privacidade não é uma coisa a ser preservada.

Sabem o que está acontecendo? Está acontecendo que esses meninos estão como os jovens de algumas gerações atrás (a gente imaginava isso totalmente ultrapassado), pedindo para o pai e, mais frequentemente, para o tio, providenciar um programinha com uma garota de programa para fazer a iniciação sexual. Tínhamos considerado como uma conquista formidável poder começar as experiências sexuais com uma pessoa próxima, com quem se tem um vínculo afetivo, senão amoroso, pelo menos afetivo.

Pois a idade certa para ler *Bruna Surfistinha* talvez seja aquela em que você já tenha lido algumas outras histórias, para poder relativizar o que tem ali.

A leitura pode proporcionar ao jovem a liberdade de fazer escolhas?

Pode aumentar a competência para fazer escolha, mas, a liberdade de fazer escolhas depende também do que está sendo oferecido para ele como possibilidade de escolha.

Mas nem tudo que a gente faz tem de ter uma utilidade imediata, pragmática... Não sei que utilidade prática tem, por exemplo, eu saber que habito o planeta Terra, que faz parte da Via Láctea, que está no Sistema Solar. Isso não me permite aumentar o preço da minha consulta, nem da minha palestra, mas talvez acrescente à minha dignidade de gente. Eu não sei que utilidade há de ter o Quarteto 131 de Beethoven, a não ser comover até as lágrimas. Eu me lembro de um tempo que os soviéticos inventaram de colocar música de Mozart para as vacas darem mais leite. Será preciso procurar utilidade para a música de Mozart?

A leitura não precisa ter utilidade nenhuma. Precisa dar prazer, precisa dar possibilidade de ampliação do repertório emocional. Acho que o efeito mais importante da leitura não é tornar o leitor mais culto, não é a preservação de grandes obras da literatura, que eu também acho importante: muito mais importante do que isto é a ampliação do repertório emocional. Quem leu *Os Miseráveis*, por exemplo, foi mendigo, passou fome, sentiu frio; se encontrar alguém no chão, coberto de jornais, vai dizer: “Eu, eu estou ali”, não vai botar fogo achando que está fazendo uma brincadeirinha. Através da leitura, você ama pessoas que jamais passariam pelo teu repertório pessoal, vive experiências que jamais fariam parte do teu currículo... O cinema também faz isso, e com muita eficiência. Você entra lá e, quando sai, precisa se reincorporar, porque naquelas duas horas você não foi você, você foi aquele que estava na tela. Mas o livro tem algumas vantagens sobre o cinema, a primeira é que no filme os personagens têm as caras que o diretor quis que eles tivessem; mas, no livro, quem manda é você: é você que está lá, com a sua cara, é o seu vizinho, é aquela

lambisgoia daquela louraça que está ali de vilã... Mais que isso: a experiência com o cinema dura duas horas, com o livro muito mais! Você tem mais tempo de entrar lá dentro e às vezes fica naquela situação de um conflito, tipo: “Não vejo a hora de acabar esse livro, mas eu não quero acabar esse livro tão bom!”

Ah, a Biblioteca de São Paulo! Essa Biblioteca de São Paulo, aqui onde ela está, talvez seja um dos exemplos mais diretos e comoventes de reparação com que eu já me deparei. Porque não é só que substitui um prédio por outro. Não! Muda um destino pelo outro! Uma coisa era o que acontecia com as pessoas que vinham para cá; outra coisa é o que acontece agora com as pessoas que vêm para cá. Esta biblioteca no meio deste parque... Você olha para fora e vê o verde. Você olha pra dentro e vê isto, chega aqui neste auditório e... Quando eu vim da outra vez, na outra semana, eu queria conhecer o auditório – um pouco como um gato, quero conhecer o ambiente onde eu vou estar. Então, me deparei com essas cadeiras coloridas: tem azul e tem vermelha e tem amarela – e eu nunca vi auditório assim! Mas não é por acaso que esse auditório é assim:

porque a gente põe cor onde estava cinza. A gente põe vida onde estava a morte. A gente põe a esperança onde estava o silêncio, o decreto, a morte.

(Aplausos)

Se alguém quiser fazer pergunta pode, mas só se realmente tiver alguma pergunta para fazer. Não vale cutucar o vizinho e dizer: “Faz uma pergunta para a moça, coitada!” A moça não está coitada, a moça está com uma sensação de muita proximidade com vocês, a moça está se sentindo acompanhada, acolhida, compreendida. Então, só perguntem se for pergunta de verdade. Também não vale querer disputar a palestra com a palestrante: levantar e fazer outra palestra.

Se alguém tiver uma pergunta para fazer, eu tenho o maior prazer em responder.

[Lia Rosenberg – Diretora da Biblioteca de São Paulo]

*Também pode ficar à vontade para perguntar.
Vai lá, Sylvio.*

[Sylvio Almeida Andrade – Coordenador de Atendimento da Biblioteca de São Paulo]

Na semana passada, eu estava me preparando para essa palestra: procurei – não dava tempo de eu ler suas obras – alguns artigos de sua autoria e vi alguma coisa sobre drogas na escola. Há uma frase: “Combater o vício das drogas, mas sem inibir essa preciosa inquietação que leva o homem a buscar conhecer sempre mais”. Aqui é um espaço para receber os usuários, para eles lerem, mas eu, a gente, sempre pensa também na expressividade deles. Eu queria saber como identificar essa inquietação nesse universo de diversos usuários.

[Lidia Aratangy]

O fato é que a inquietação dessa meninada é um bem precioso para a humanidade. Esse impulso, que leva alguém em direção à droga, é o mesmo que levou a humanidade ao telescópio, ao microscópio, à paixão. É essa ânsia de sair de dentro da própria pele, de transpor limites, de fazer mais, de conhecer mais, de ir além. E a gente tem apresentado poucos canais para que a nossa

meninada possa encontrar um canal legítimo para essa ânsia. E digo legítimo no sentido de que realmente responda ao anseio daquela inquietação, que realmente amplie a liberdade, que realmente traga mais. E a gente sabe que, se o impulso que leva em direção à droga é um impulso de liberdade, de ultrapassagem, o efeito da droga é ampliar a prisão, porque dificilmente haverá outra prisão mais eficiente do que a dependência química.

Eu lembro quando saiu aquela primeira lei que proibia fumar em espaços públicos em São Paulo, e a Companhia Souza Cruz fez publicar um anúncio de página inteira nos jornais com a frase: “Fumar ou não fumar não é uma questão de saúde: é uma questão de liberdade”. Pois eu queria saber quantos fumantes têm de fato a liberdade de escolher se vão ou não acender o próximo cigarro, se vão comprar mais um maço ou não. E cuidado! Há uma campanha neste momento – se vocês olharem, em letra miudinha, verão que quem está patrocinando esta campanha é a Souza Cruz – em nome da liberdade, falando que o Estado está se metendo muito e que agora vai querer proibir propaganda de cigarro e não sei o quê...



A questão das drogas vista com inteligência e sensibilidade; perigos e efeitos dos principais tipos de drogas.

Realmente o que falta aos nossos jovens é a possibilidade de participar de projetos, de programas que transcendam o próprio indivíduo, do qual o jovem possa se sentir parte. Não há nada mais importante para o adolescente do que se sentir parte de um grupo. Porque, vocês sabem, a adolescência se inaugura com a descoberta da solidão; é isto que marca a entrada na adolescência. Uma criança não faz uma separação entre ela e o outro, entre ela e o mundo. Quando uma criança pequena quer se esconder o que ela faz? Ela tampa os olhos! Se ela não está vendo o outro, o outro também não está vendo ela e estamos conversados.

Isto vai até o momento em que a gente descobre que tem um mundo interno. Sabe como é o mundo interno? A gente tem lá dentro um conjunto de sentimentos, de emoções, de ansiedades, de desejos e esse conjunto



Relatos de parceria amorosa, seus meandros, encruzilhada e manhãs ensolaradas.

é único, só você tem esse particular conjunto. Esse acervo de mundo interno é só seu. O passo seguinte, dolorosíssimo: esse acervo não é comunicável. Não tem como você contar para o melhor amigo, para o irmão, para a pessoa amada, como é esse conjunto, porque é feito de emoções. As emoções são como um bolo. Quando você vai falar, tem que pegar esse bolo e transformá-lo em um fio, porque palavra é sequencial: você tem que botar uma depois da outra. É só você tentar contar para alguém o que está sentindo, para perceber a dificuldade. Você fala três palavras e diz: “Não, não é nada disso, deixa para lá”.

Às vezes, a gente usa a palavra do poeta; ele aprendeu isso, ele tem esse dom. Mas quando a gente está entrando na adolescência, não sabe nada disso; só sabe que aquilo que a gente tem lá dentro, o que tem de mais importante, de mais pessoal, de mais único, não dá para contar

para ninguém. Quando o jovem bate a porta, gritando: “Ninguém me entende nesta casa!”, ele está falando – em tom de guerra – aquilo que ele sente em tom de queixa, de dor, porque é verdade: “Se ninguém conhece meu mundo interno, como vai me entender? Se eu sou isto?”. E mais: “Ninguém me conhece, mas eu também não conheço ninguém, porque do mesmo jeito o meu pai, o meu amigo, o meu irmão, também tem lá o mundo deles ao qual eu não tenho acesso”.

Esse primeiro vislumbre da solidão é intolerável. Nem sempre isto é consciente. Eu estou aqui fazendo uma licença poética. Para conseguir se libertar disto, a turma é muito importante. É a primeira tentativa de se libertar do sentimento de solidão. “Sozinho eu não sou. Eu e a minha turma somos todos iguais: nós queremos as mesmas coisas, nós falamos o mesmo idioma, nós usamos as mesmas roupas”. O grupo se faz importantíssimo. Só que ele logo percebe que isso vale até a página quatro – enquanto ele mantiver dentro do grupo só aquilo que é igual a todo o resto da turma. Porque ele sabe que tem sentimentos e interesses

diferentes daquele grupo; mas ele também sabe que se puser isso ali, corre o risco de ser marginalizado e de outra vez ficar sozinho.

Outro recurso que a gente usa para disfarçar um pouco, pelo menos se distrair do sentimento de solidão, é a relação amorosa. Afinal de contas, “feitos um para o outro”, “encontrei a metade da minha laranja”, “ele também detesta suco de goiaba, na casa dele nunca, suco de goiaba não, estamos salvos do suco de goiaba”. Mas se a gente faz um vínculo amoroso pela identidade, para se distrair da solidão, está perdido. Porque são muitos os sabores de suco que tem nesse mundo. Vá lá que os dois não gostam de goiaba, mas será que eles não vão gostar dos mesmos sempre? Vão ter que fazer um esforço danado para esconder tudo aquilo que poderia diferenciar um do outro... Esquecidos de que duas metades de laranja podem fazer uma excelente laranjada, mas duas metades de pessoas não fazem um casal!

De fato, o único antídoto verdadeiro para a solidão é a solidariedade. Quando a gente consegue abrir este canal para os jovens, não tem o que tome este lugar. Eles são

especialmente sensíveis a isto, recebem este apelo direto, porque vai pelo umbigo, pela emoção diretamente, não passa por nenhum crivo de “esse merece, esse não merece”. Isso vem depois, quando a gente atrapalha.

Eu respondi, companheiro?

[Sylvio Almeida Andrade]

Sim.

[Lidia Aratangy]

Então está bom.

[José Luís Goldfarb – Auditório]

Teve uma manifestação bonita aqui no começo, quando você estava discutindo a liberdade, que eu achei bacana registrar. Teve um internauta que colocou assim: “Todos têm direito de ir e vir, desde que sem estragar o bem público comunitário”, que era na linha do que você estava falando. Outra coisa bacana – a gente parou a transmissão, não é, teve um problema – mas a gente chegou a 15 pessoas assistindo e comentando...Para você

ter uma ideia, tinha gente – a Adriana Ferrari vai gostar dessa – tinha gente lá do Rio de Janeiro: “Ué, quando é que você vai fazer essas coisas aqui no Rio?”.

[Adriana Ferrari – Idealizadora da Biblioteca de São Paulo]

Você estava falando sobre o espaço da biblioteca, da história deste local, com tanta emoção, quero te dizer que a gente tem outro espaço, também carregado de muita tristeza, que vai se transformar em uma biblioteca. Lá onde era a Febem, no Parque Belém. Eu estava até brincando aqui com a Lia (Rosenberg), que a biblioteca vai ficar onde era um conjunto de alojamentos dito dos piores, entendeu? Dos piores. A gente está fazendo a reforma para a biblioteca e... (Estou olhando para você e estou me emocionando...) Quando você entra lá, não tem ar, as crianças viviam sem ar, sem janela. Então, se aqui era triste, de alguma forma as pessoas que vinham parar aqui fizeram uma escolha, talvez não tivessem a condição e a competência, como você disse, de assumir o que aconteceu, talvez não entendessem o que ia acontecer. Mas lá as crianças foram simplesmente condenadas. Eu acho que é outra coisa bonita que vai acontecer.

[Lidia Aratangy]

Não comprem com essa conversa de que o homem é lobo do homem. É mentira! Lembram-se daquela história no Chile, 33 mineiros lá embaixo, 600 metros de profundidade, alguém aqui tinha um parente lá dentro? Não! Nem aqueles bilhões de pessoas do mundo que estavam olhando para aquilo, também não tinham parente nenhum. Vocês sabem que foi a transmissão de TV com a maior plateia... Só comparável à eleição do Barack Obama, mas ainda assim maior do que a do Barack Obama. O que é que a turma estava olhando lá mesmo? O que deixou todo mundo de respiração presa? Por que a gente estava torcendo por aqueles 33, se a gente não conhecia nenhum? Aquele herói daquele médico que desceu primeiro, naquela cápsula – um voluntário, que escolheu descer naquele ovo sem saber se ia funcionar ou não... Ele foi o primeiro a descer e foi o último a subir. Cada um que entrava naquilo ele fechava a portinha, puxava a cordinha e eu pensava: “Quem vai fechar a portinha para ele?”

Aquelas torres... Aquelas torres caem todo dia. Não é que elas caíram no dia 11 de setembro de 2001.

Não. Todo dia aquelas torres caem. Em algum canal de televisão, em alguma hora do dia, vocês podem ver as torres caindo. As torres caem todo dia.

No dia em que as torres caíram – aliás, as torres estavam caindo ainda – tinha outra imagem na mesma tela, acontecendo na mesma hora: aquela multidão que chegava trazendo toalha molhada, leite, celular, cobertores – para ajudar, para alimentar, salvar. Alguns limpavam o rosto dos bombeiros... Você pensa que era uma prima do bombeiro, tia do bombeiro? Não era. Esta imagem era muito mais forte, tinha muito mais gente ali ajudando do que aquela meia dúzia de malucos que se puseram a derrubar torres.

Um ano e meio depois, Madri. Aqueles trens... A poeira ainda estava lá quando apareceu a primeira faixa; apareceu em uma janela de Barcelona. Talvez vocês não saibam, mas a Catalunha, onde fica Barcelona, tem a maior rivalidade com Madri. Não é só por causa do Real Madrid, é mais que isso, uma rixa antiga entre as duas cidades. Pois a primeira faixa que surgiu em uma janela de Barcelona dizia: “Somos todos madrilenhos”. A primeira foi em

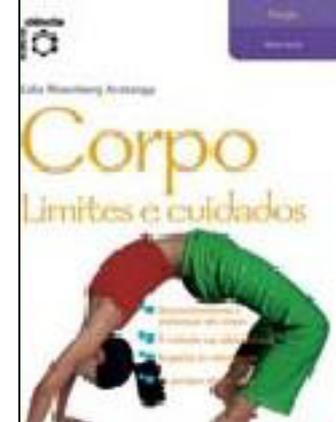


A obra dá o direito da palavra não apenas aos pais, mas também aos filhos, que igualmente vivem o desafio da educação no dia-a-dia.

Barcelona, mas depois teve em Granada, em Andaluzia e em Paris, Nova York, Rio de Janeiro e São Paulo. No dia seguinte, aquela procissão... Havia jovens naquela procissão, a não acabar mais. Para dizer basta! Havia muito mais gente ali dizendo basta do que esses malucos que explodem trens e derrubam prédios. O homem não é lobo do homem. O homem é irmão do homem. É isso que nós somos, nós somos fraternos, nós somos solidários. Por favor, contem isso para os seus filhos, ensinem isso para os seus alunos. Não deixe ninguém repetir que o homem é lobo do homem. Não é não.

[Lia Rosenberg]

Agora chega de conversa, mais que isso é abuso. Ah bom, vamos deixar a última pergunta para a diretora da Etec de Artes, nossa grande parceira, Lucília Guerra!



Ao se olhar no espelho, como você se vê? Quais as principais mudanças desde que entrou na adolescência? Com que padrão de beleza você se compara?

[Lucília Guerra – Auditório]

Primeiro eu queria agradecer o privilégio de te ouvir, perceber essa sensibilidade tão grande. Eu, como educadora, acredito no ser humano. O dia em que eu parar de acreditar, tenho que mudar de profissão. E eu tenho um exemplo clássico do trabalho que você está semeando aqui, um pouco mais hoje. Tenho um evento marcado para sexta-feira, para o qual todos aqui estão convidados, que é o sarau do grupo do Curso de Eventos. Eles fizeram uma analogia de como era o Complexo Carandiru, exatamente o prédio onde está a Etec de Artes, e o que se faz hoje nele. O evento se chama “Mudando de estação: do Carandiru à Etec de Artes”. Quando a gente vê essa determinação na boca do aluno, no coração do aluno e no trabalho concreto, não tem como a gente não acreditar que o homem tem jeito, sim. O homem tem jeito todo dia, em todo momento, em todo espaço,

para discutir um pouquinho todos os valores humanos que a gente pode resgatar em cada momento, como em uma tarde como esta. Parabéns! A exposição já está aberta, está em andamento. Não está totalmente completa, mas quem quiser sair daqui e já dar uma olhadinha, está convidado.

[Lidia Aratangy]

Então, vamos a essa exposição!

Transcrição do evento realizado em 23 de maio de 2011,
no auditório da Biblioteca de São Paulo.